



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ELEN SENA SERÊJO

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MORTE PARA
CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA DO ENSINO PÚBLICO DO
DISTRITO FEDERAL**

**Brasília-DF
2018**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ELEN SENA SERÊJO

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MORTE PARA
CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA DO ENSINO PÚBLICO DO
DISTRITO FEDERAL**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Orientador:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia

Brasília-DF

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SERÊJO, Elen Sena
SEL39r A Representação Social de morte para crianças da pré
escola do Ensino Público do Distrito Federal / Elen Sena
SERÊJO; orientador Hélio José Santos Maia. -- Brasília, 2018.
50 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2018.

1. Representação social. 2. Morte. 3. Educação Infantil. 4. Teoria de Piaget. 5. Teoria de Bronfenbrenner . I. Maia, Hélio José Santos, orient. II. Título.

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MORTE PARA CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA
DO ENSINO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada à banca examinadora
da Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, como requisito parcial e insubstituível
para obtenção do título de Graduação do Curso
de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia - Universidade de Brasília (FE/UnB)
Orientador

Profa. Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton (FE/UnB)
Examinadora

Profa. Dra. Fernanda Müller (FE/UnB)
Examinadora

Profa. Profa. Dra. Maria Helena da Silva Carneiro
Suplente

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos as crianças que tive o prazer de dar aula, sem o contato com vocês a minha história teria sido outra.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, agradeço a Deus, por me manter nesse caminho e me ajudar a descobrir o meu amor por essa carreira e a enxergar um futuro próspero como educadora.

Ao meu pai Nilson, por me apoiar mesmo quando a decisão foi trocar a vida de cientista da computação pelo magistério, quando todas as outras pessoas não viam nenhum horizonte nessa escolha.

À minha mãe Marizelda, por possibilitar a minha estadia na universidade e confiar em meu propósito.

À Tales, por me acompanhar em todos os episódios que pude vivenciar na UnB e sempre me incentivar a continuar caminhando.

Certamente agradeço as melhores amigas que pude conhecer, Adallyda, Ana Lídia, Beatriz, Camila e Iara, sem o companheirismo e o amparo de vocês eu sei que tudo seria mais difícil.

Aos professores Hélio Maia e Maria Helena, por me inspirarem e me guiarem, tornando possível a conclusão de toda essa jornada acadêmica.

Aos professores, funcionários, alunos e pais de alunos das escolas que me acolheram durante o meu curso e acreditaram no meu trabalho.

Aos cidadãos brasileiros, por financiarem meus estudos em universidade pública, permitindo assim o meu crescimento acadêmico.

E, por fim, à Universidade de Brasília, por ter sido, praticamente, a minha vida nos últimos 5 anos.

Epígrafe

“Olhar diretamente nos olhos da mortalidade não é fácil. Para evitar isso, nós escolhemos continuar vendados, no escuro em relação às realidades da morte. No entanto, a ignorância não é uma bênção – é só um tipo mais profundo de pavor.”

Caitlin Doughty

RESUMO

Esse estudo tem como proposta apresentar dados de pesquisa e suas análises na educação infantil de uma escola pública do DF, cujo principal objetivo é conhecer representações sociais da morte em crianças pequenas para se analisar o que as determinam e influenciam. O pressuposto da pesquisa é que a experiência pregressa e a maturidade dos indivíduos podem modelar o entendimento sobre morte. Como principal referencial teórico foram utilizadas as teorias dos estágios de desenvolvimento de Piaget e de Bronfenbrenner dos ecossistemas sócio-culturais. Como metodologia foi apresentada uma história infantil em que o personagem principal morria, a partir daí, foi solicitado aos alunos que criassem a maneira que explicasse como o personagem morreu e desenhassem. Este desenho foi utilizado como ponto inicial para entrar no assunto morte, com uma entrevista semiestruturada em seguida. Foram entrevistados 32 alunos, entre 4 e 5 anos de idade, durante o segundo semestre de 2018. A partir das respostas das crianças se realizaram as análises utilizando técnicas de análise de conteúdo de Bardin. Como resultados e conclusões é possível identificar a influência das experiências pregressas das crianças nas suas representações, assim como a procedência social das mesmas e o grau de maturidade.

Palavras-chave: Representação social, Morte, Educação Infantil, Crianças, Desenho

ABSTRACT

The child, when he has his first contact with the school, carries with him a bag of knowledge acquired during his life experiences, and even his maturity can influence the world's understanding. The purpose of this study is to present research data and analyzes carried out with children from a public school in the Federal District, Brazil, whose main objective is to understand social representations of death in children in early childhood to analyze what determines and influences them. The assumption of the research is that past experience and maturity of individuals can shape the understanding about death. As the main theoretical reference, the theories of the stages of development of Piaget and Bronfenbrenner of the socio-cultural ecosystems were used. As a methodology was presented a children's story in which the main character died, from there, students were asked to create the way that explained how the character died and draw. This drawing was used as a starting point to get into the subject of death, with a semistructured interview then. Thirty-two students, aged 4 to 5 years, were interviewed during the second half of 2018. Based on the children's answers, the analyzes were performed using Bardin content analysis techniques. As results and conclusions, it is possible to identify the influence of children's previous experiences in their representations, as well as their social origin and degree of maturity.

Keywords: Social Representation, Death, Early Childhood Education, Children, Drawing

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro	Grelha de Análise das categorias utilizadas na classificação das respostas das
1	crianças sobre a morte	26
Figura 1	Desenho do garoto Tião para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe.....	28
Figura 2	Desenho do garoto Pedro para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe.....	29
Figura 3	Desenho do garoto Renato para explicar o que ocorreu com o peixe - Lupe.....	29
Figura 4	Desenho da garota Cláudia para explicar o que ocorreu com o peixe - Lupe.....	30
Figura 5	Desenho do garoto Ravi para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe.....	30
Figura 6	Desenho da garota Margarida para explicar o que ocorreu com o peixe - Lupe.....	32
Figura 7	Desenho da garota Tereza para explicar o que ocorreu com o peixe - Lupe.....	32
Figura 8	Desenho da garota Renata para explicar o que ocorreu com o peixe - Lupe.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UnB - Universidade de Brasília

PAS - Programa de Avaliação Seriada

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	11
CAPÍTULO I	15
1. ELEMENTOS MOTIVANTES, JUSTIFICATIVAS, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	15
1.1. Justificativa	15
1.2. Problema de pesquisa e pressupostos.....	17
1.3. Objetivo geral.....	18
1.4. Objetivos específicos	18
1.5. Metodologia	18
1.6. Participantes envolvidos	19
1.7. Instrumentos para a geração de dados.....	19
CAPÍTULO II	21
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – TEORIAS PARA A ANÁLISE DE DADOS.....	21
CAPÍTULO III.....	26
3. ANALISE DE DADOS DA PESQUISA E RESULTADOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE NA ESCOLA	26
Referências bibliográficas.....	38
APÊNDICES.....	40
1 - História contada para iniciar a geração de dados	41
2 - Transcrições das entrevistas	42

MEMORIAL

No primeiro semestre do ano de 2014, ingressei na Universidade de Brasília (UnB), no curso de Computação (Licenciatura), através do Programa de Avaliação Seriada (PAS), feito durante os três anos do meu ensino médio. No entanto não houve muita reflexão no momento de escolha de curso, o que me fez perceber que não se encaixava em minhas reais expectativas, me causando um desapontamento quanto ao seu conteúdo em si e seus rumos futuros.

Com a falta de ânimo e perda de vontade de continuar, resolvi participar de uma nova seleção para UnB no segundo semestre de 2015. A escolha foi Pedagogia pelo fato de possuir matérias que poderiam ser aproveitadas, a nota de corte ser mais acessível e a possibilidade de mudança para Psicologia.

Durante os dois primeiros semestres de pedagogia, pude ser inserida no mundo educacional brasileiro, em um contexto totalmente teórico. Conhecer os autores e suas ideias sobre educação me fez optar pela mudança para psicologia, que seria possível a partir do terceiro semestre. A fundamentação teórica do curso de Pedagogia me fazia acreditar que ideias utópicas da maioria dos autores eram irreais para o atual sistema de ensino.

No início do terceiro semestre, 2/2016, eu fui selecionada para estagiar em uma escola da rede privada, o colégio Passionista do Riacho Fundo I. Foi o meu primeiro contato com escola depois que havia formado no ensino médio. A turma a mim designada foi o Jardim I A. Eu era auxiliar de turma, trabalhava com a Professora Ana Bárbara, também, recém formada na Universidade de Brasília.

A turma tinha 24 alunos, sendo um deles um autista clássico (diagnosticado pelos funcionários da própria escola com base nos sintomas, já que a mãe se recusava ir atrás de um médico para laudar o filho, o que foi um absurdo). Éramos apenas Bárbara e eu nessa turma e a cobrança da coordenação era enorme, tendo em vista que era uma escola particular, a lista de tarefas diárias era imensa. Mas o contato com essa turma, esses alunos e com a professora me fizeram enxergar um novo lado da vida do pedagogo.

Foi uma turma com seus desafios, uma gestão que cobrava coisas em prazos muito curtos, tudo contribuía para ter uma péssima primeira impressão da carreira, mas essas barreiras não impediram o meu encantamento pelo ambiente escolar e justamente nesse estágio decidi que esse seria o curso no qual eu sairia formada da UnB.

Permaneci um ano nesse estágio de agosto de 2016 a julho de 2017, a partir daí já havia desistido da troca de curso. Optei por sair do estágio por conta da decisão de dedicar-me mais a universidade. Grande parte dos meus alunos de 2017 eram os de 2016, que já estavam na turma de Jardim II. Não fiquei tempo o suficiente para estar ao lado deles em sua formatura como professora, mas fui convidada para a cerimônia por pais de alunos, o que me deixou bastante contente por estar perto deles na conclusão dessa etapa. Ver os primeiros alunos que tive na vida se formando foi gratificante.

Durante o período desse estágio, estava juntamente com a colega Beatriz, desenvolvendo uma pesquisa independente com a orientação da professora Maria Helena da Silva Carneiro. A defino como independente, pois não havia vínculo com PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) ou nenhum outro tipo de projeto de extensão. Essa pesquisa tinha como tema central Representação Social. A princípio, tratamos da representação social sobre Sistema Solar na perspectiva de crianças do ensino fundamental. Foi sugerida pela professora a mudança de tema para, no lugar do Sistema Solar, explorarmos a morte, pois se tratava de uma área pouco explorada e que talvez nos interessasse mais. Beatriz e eu obviamente aceitamos, pois foi bastante empolgante saber que estávamos em frente de algo mais inédito.

Nossa pesquisa contou com a construção de entrevistas, visitas a escola, contatos direto com alunos e professores. Também por conta da pesquisa pudemos ter uma maior imersão nos trabalhos do autor Moscovici, pois se trata de um grande nome na área de representações, então ele se tornou um dos referenciais teóricos.

Enquanto ainda estávamos trabalhando na nossa pesquisa, a professora Maria Helena conseguiu sua aposentadoria da graduação. Ao saber disso entramos em um desespero, pois não sabíamos como procederia o nosso trabalho, e como estávamos realmente interessadas no tema, nós decidimos usá-lo como nosso trabalho final de curso.

Felizmente a professora já havia nos encaminhado para o Professor Hélio Maia, que também atuava na área de representação e que nos aceitou, dando continuidade ao nosso trabalho e nos assumindo oficialmente como orientador para uma futura finalização de pesquisa e o famigerado TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Eu estou no percurso final da minha graduação, atualmente estou com uma grande ansiedade para finalizar tudo, mas tenho a certeza da escolha de minha carreira e da minha área de pesquisa, caso futuramente queira dar continuidade a vida acadêmica.

INTRODUÇÃO

Gabriel Garcia Marquez em seu livro *Cem anos de solidão* quando anuncia um tempo muito distante, aponta a ignorância das pessoas sobre os avanços desse mundo desta forma: “*O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo*” (MÁRQUEZ, 1967, p. 7). Assim, também pode-se dizer para as crianças no mundo. Precisam “apontar com o dedo” tudo que não conhecem e carecem de nomes e vão dessa forma aprendendo com os adultos ao redor, a falar, a compreender o mundo. Desse modo, concepções vão se formando, sentimentos se estruturando, construindo um sincretismo de ideias que vão compondo os saberes.

A infância é uma fase sensível na formação de concepções, pois valores sociais adquiridos no espaço da convivência familiar e nos diversos círculos de convívio permanecem fortemente na estrutura cognitiva do indivíduo.

Os estudos no campo das representações sociais se avolumaram nas últimas décadas e varreram grande espectro de temáticas. Certamente as representações sociais atendem a contextos temporais e costumes, estilos de vida e até mesmo algumas tradições vão sendo modeladas à medida que as sociedades evoluem. Essa evolução é determinada por uma série de fatores, entre eles é possível citar a evolução tecnológica que proporciona conhecimentos e possivelmente mudanças comportamentais. No campo do entendimento sobre a morte, por exemplo, mudanças histórias ocorreram de modo a transformá-la em tabu.

No entendimento de Ariès (2012), por exemplo, no passado o sofrimento e a morte eram situações familiares e próximas de todos. Parentes, amigos, vizinhos, crianças estavam constantemente morrendo à vista de todos. Portanto a representação social da morte incluía uma larga experiência pessoal e coletiva. Porém, o avanço civilizatório trouxe mudanças e entre elas os princípios da higiene, bem como a teoria microbiana das doenças foram difundidos, a limpeza das casas e os quartos superlotados passaram a representar grandes problemas para os médicos e as representações sociais de doença e morte também começaram a mudar (CHAIB; DANEMARK; SELANDER, 2012).

Neste trabalho, pretende-se contribuir com mais um estudo sobre representação social da morte e o que o torna instigante é o seu público de pesquisa: crianças na educação infantil. Dessa maneira, o presente trabalho está organizado em três capítulos assim distribuídos: no Capítulo I, intitulado “*1. Elementos motivantes, justificativas, objetivos e metodologia*”, são indicados elementos que motivaram a pesquisa, além de justificativas. Nele também são

apontados o problema de pesquisa, pressupostos, objetivos, metodologia utilizada e os participantes da pesquisa.

No Capítulo II, com o título "2. Fundamentação teórica - teorias para a análise de dados" são tratados os conceitos e as teorias envolvidas na pesquisa, como representação social, teoria de Piaget sobre os estágios de desenvolvimento e a de Bronfenbrenner sobre os ecossistemas sócio-culturais, bem como o entendimento de pesquisadores sobre a compreensão das crianças acerca da morte.

Já no Capítulo III, intitulado "3. Análise de dados da pesquisa e resultados das representações sociais da morte na escola" são apresentadas as análise das representações das crianças sobre a morte, obtidas a partir da metodologia utilizadas. Os dados gerados a partir das entrevistas são apresentados em categorias de análises, segundo a análise do discurso de Bardin (1977). Ainda no capítulo são evidenciados os resultados da pesquisa.

Por fim, nas "*Conclusões e considerações finais*" são feitas finalizações conclusivas acerca do trabalho, perspectivas de outras investigações na área e desdobramentos da pesquisa.

CAPÍTULO I

1. ELEMENTOS MOTIVANTES, JUSTIFICATIVAS, OBJETIVOS E METODOLOGIA

No presente capítulo pretende-se explicitar os elementos que motivaram a pesquisa e suas justificativas. Nele também são apontados o principal problema de pesquisa e o pressuposto do seu entendimento, bem como os objetivos da mesma e a metodologia utilizada como abordagem para a análise das informações geradas a partir dos dados. São também delimitados os participantes da pesquisa.

1.1. Justificativa

Enquanto estamos em formação para nos tornarmos educadores, seja em pedagogia ou nas demais licenciaturas, por diversas vezes percebemos lacunas das quais os quatro anos de formação não preenchem. Durante o curto período em que estive em sala de aula das séries iniciais ao longo do curso, pude perceber que o universo escolar está bem além do que o quadro que a universidade me apresentou. Algumas situações são realmente imprevisíveis, é impossível formar-se sabendo totalmente o que se passará em toda a nossa carreira, entretanto é possível o preparo para lidar com determinadas situações que certamente chegarão a nossas mãos em algum momento de nossa carreira.

A morte é assunto no qual, nos tempos atuais, é tratado apenas quando se é extremamente necessário, e restrito apenas para adultos. A grande maioria das pessoas age como se as crianças não tivessem nenhum tipo de ideia do que seja a morte e evitam que essas crianças tenham qualquer tipo de contato. Essa atitude acaba sendo uma espécie de trapaça, pois as crianças possuem a capacidade de perceber o que se passa ao seu redor e a maior consequência acaba sendo a privação de seu luto. Mais cedo ou mais tarde as pessoas sempre terão que conviver com a temida morte, pois essa é uma das únicas certezas de nossas vidas, e seria um grave erro ter que ignorar esse assunto dentro de sala de aula.

Durante essa mesma formação, aprendemos que é necessário ter um planejamento do que se deseja apresentar em sala de aula. Para planejarmos o que ensinaremos aos alunos, precisamos ter o mínimo de noção do que esses alunos conhecem sobre o assunto, mas essa presente pesquisa vai além da simples investigação do que já está construído na cabeça dos alunos. É pretendido identificar a forma na qual as crianças se familiarizaram sobre o tema e perceber a maneira como esse conhecimento foi estruturado.

Isto posto, o prazer da pesquisa é uma construção. Cada passo que se acrescenta nos impõe escolhas e caminhos a seguir. Por mais que tenhamos mapeado a trajetória anteriormente e vejamos os caminhos por outros trilhados, o que seria um pré-projeto, ainda somos os responsáveis pelo próprio caminhar. Um caminho a seguir é o que se pode denominar método e ele garante o entendimento do que encontramos na chegada. Mas, o que motiva o caminhar?

Para tentar responder a questão acima, é preciso narrar os elementos motivantes da pesquisa. Primeiramente situando-a em seu fazer. Para isso, chamamos Barros e Lehfeld (1999, p. 13) que nos mostra que

A pesquisa ou a procura de novos conhecimentos não só é próprio da natureza humana, como também a investigação, mesmo que seja a partir da reflexão, o único veículo viável do homem compor seu contorno. Nesse sentido a pesquisa é o esforço dirigido para a aquisição de um determinado conhecimento, que propicia a solução de problemas teóricos, práticos e/ou operativos; mesmo quando situados no contexto do dia-a-dia do homem.

Nesse sentido, buscar o que os indivíduos sabem sobre determinado assunto sempre representará a aquisição de um conhecimento como meta. Embora muito do que os indivíduos sabem seja adquirido em seus meios sociais, como a família, os amigos e outros círculos culturais, há aqueles conhecimentos que são aperfeiçoados na interação com o contexto escolar. O estudo dos conhecimentos prévios das crianças tem se fortalecido com a valorização de teorias pedagógicas como a Aprendizagem Significativa de David Ausubel, por exemplo, na qual “o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe” (Ausubel 1978, apud Moreira, 1999). Mas, saber o que os indivíduos já sabem também ganha o contorno de importância de buscar as representações sociais de determinado grupo. Para Costa e Mariz (1999, p. 89)

Embora as representações sociais se configurem “teorias do senso comum”, não são identificadas apenas como construções conceituais do real. Trata-se de um tipo de conhecimento social que engloba uma lógica conceitual, mas que vai além. Isso porque essas teorias, além de mediarem as relações entre os indivíduos, também se configuram como estratégias desenvolvidas pelos sujeitos para apresentar novamente a realidade, para entendê-la com os outros e para si próprios. Nesse sentido, elas seguem uma linha de construção intrapsíquica que envolve, por um lado, a reconstituição imagética de algo ausente e, por outro, a apropriação construtiva dos conceitos veiculados na vida cotidiana, a fim de tornar familiar o que se encontra distante.

Aparentemente tornar familiar o que parece distante é um dos elementos motivadores dessa pesquisa, que nasce a partir de incentivo movido por um projeto inicial que se delimitava no campo das representações das crianças sobre o Sistema Solar. Por ser um tema bem esquadrinhado em pesquisas, por sugestão da professora pesquisadora da área, Maria Helena da Silva Carneiro, realizamos uma mudança para outra temática: a morte. Mas, delimitou-se o estudo a um público muito particular, crianças da educação infantil. A pretensão não era perceber o que as crianças sabiam para se verificar como o assunto era tratado por professores do seguimento, mas, como as crianças tão novinhas se relacionavam com o tema. Por isso, o mesmo se adéqua mais a um estudo de representação social do que a um estudo de concepções alternativas. Sobre isso, como aponta Carneiro (2007, p. 70), "para fazer referência ao conhecimento elaborado pelo aluno, os pesquisadores que atuam na área de Didática das Ciências e Didática da Biologia utilizam diferentes terminologias", e designações diferentes podem ser atribuídas às representações a depender da pretensão do pesquisador. Assim, Santos (1998) apud Carneiro (2007) informa que designações que sugerem a origem das representações, entre tantos outros termos, podem ser denominadas por "representação social", enquanto que em "designações que sugerem diferenças qualitativas entre as representações do aluno e os conceitos científicos" são usuais o emprego do termo concepções alternativas.

Os adultos que compõem a sociedade tratam a morte como um tabu e talvez isso se deva a uma espécie de evitação do tema na fase da infância ou mesmo no âmbito da escola. Mas, como estamos tratando de um fato inevitável nos cursos de nossas vidas, é instigante buscar o entendimento das crianças da educação infantil sobre a matéria com vistas a tentar contribuir com mais um conhecimento do que temos, enquanto adultos, que nos leva a não discutirmos a morte. Como motivação para a pesquisa, essa é uma das principais justificativa que ora se apresenta.

1.2. Problema de pesquisa e pressupostos

O principal problema de pesquisa pode ser evidenciado no seguinte questionamento: qual o tipo de representação social sobre a morte que crianças da educação infantil apresentam e o que a determina?

Como principal pressuposto inicial entende-se que representações da morte por crianças da educação infantil são produto de uma associação entre maturidade cognitiva com experiências anteriores e podem ser tão diversas quanto o tipo de experiência vivenciada. Não

se estabelecendo de modo uniforme uma visão que possa identificar de forma padronizada o tipo de representação da morte em crianças nessa faixa etária.

1.3.Objetivo geral

- Conhecer as representações sociais da morte em crianças da educação infantil para se analisar o que as determinam e influenciam.

1.4.Objetivos específicos

- Compreender de que maneira o meio social influencia nas representações da morte em crianças da educação infantil;
- Perceber se o grau de maturidade das crianças influencia na profundidade de entendimento sobre a morte;
- Perceber a maneira como esse conhecimento das crianças sobre a morte foi estruturado.

1.5.Metodologia

O trabalho se inscreve enquanto abordagem e análise dos dados gerados, como pesquisa qualitativa, e como tal não foram empregados métodos estatístico, seguindo um caminho de análise dos fenômenos com a intenção de interpretar e dar significados a eles. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 376),

O enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Também é recomendável selecionar o enfoque qualitativo quando o tema do estudo foi pouco explorado, ou que não tenha sido realizada pesquisa sobre ele em algum grupo social específico.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para se perceber caminhos e entendimentos analíticos da área, afinal, trilhar caminhos já percorridos garante o aproveitamento das experiências dos que vieram primeiro e isso valoriza a pesquisa em uma área e fortalece as contribuições que ainda são possíveis de serem acrescentadas. Nesse entendimento, segundo Reis (2008, p. 51),

A pesquisa bibliográfica é a mais simples técnica de pesquisa. Ela explica um problema, fundamentando-se apenas nas contribuições secundárias. Ou seja, nas informações e dados extraídos de livros de leitura corrente e de

referências, de revistas impressas e virtuais, material audiovisual, entrevistas, documentos, etc. de diferentes autores que versam sobre o tema selecionado para o estudo.

Quanto aos objetivos a pesquisa presente pode ser identificada como explicativa já que se procura perceber fatores que concorrem para que os fenômenos ocorram, desenvolvendo e explicando suas razões e os fatores que os engendram. Por ser pesquisa qualitativa se constrói como observacional com a intenção de aprofundar o conhecimento da realidade (REIS, 2008).

Participantes envolvidos

De antemão os nomes de escola e das crianças foram substituídos neste trabalho para resguardar os participantes mantendo o anonimato e para todos os responsáveis pelas crianças participantes da pesquisa foi solicitada autorização (ver anexo 4), sendo uma condição indispensável a concordância dos pais e responsáveis. Assim, participaram da pesquisa 32 crianças do Ensino Infantil das turmas de 1º e 2º período, do Centro de Educação Infantil Flor de Lótus, com faixa etária entre 4 e 6 anos. Os estudantes dessa escola se encaixam nas mais variadas classes sociais, julgando pelo fato de serem residentes em várias Regiões Administrativas, do entorno do Distrito Federal e do próprio Plano Piloto.

1.6.Instrumentos para a geração de dados

O desenho metodológico da pesquisa, seus instrumentos de geração de dados são de autoria da professora Doutora Maria Helena da Silva Carneiro e foram orientados em comunicação oral por ela ainda em um momento que antecedeu sua aposentadoria. Assim, previamente, foi criada uma história na qual não existia um desfecho (ver anexo 1). Essa história tinha como objetivo instigar as crianças, de forma que eles mesmos a concluíssem. O enredo da história se tratava da vida de um peixe, que morava no Lago Paranoá e tinha vários amigos, até que um dia esse peixe desaparece e um outro peixe detetive investiga o que aconteceu com o seu amigo. A história, contendo desenhos manuais feitos com o propósito de manter a atenção das crianças, foi contada em sala de aula para toda a turma, de forma que não se distraíssem. Evitou-se também a ênfase nas ilustrações da história de modo a não influenciar no desenho que as próprias iriam criar em seguida. Ao fim da narração foi dito para as crianças “Agora cada um de vocês se tornou o peixe detetive, e precisam desenhar o jeito que o peixinho morreu”. Com a questão solta no ar foi solicitado que cada um fizesse

uma ilustração desvendando o mistério da morte do peixe. As crianças tiveram cerca de 40 minutos para a construção dos desenhos, feitos em folha A4 e com lápis de cor e giz de cera.

Após a realização dos desenhos conduziu-se entrevistas a 20 crianças do primeiro e segundo período da pré-escola, sendo 7 do primeiro período e 13 do segundo. As crianças foram escolhidas de acordo com a ordem do término do seu desenho. Foram abordadas de forma individual para a entrevista semiestruturada. Para Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 426),

as entrevistas semiestruturadas se baseiam em um roteiro de assuntos ou perguntas e o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informações sobre os temas desejados (isto é, nem todas as perguntas estão predeterminadas).

Dessa forma, as entrevistas foram sendo adequadas de acordo com as respostas que eram dadas. Primeiramente foi solicitada uma explicação sobre os desenhos que foram produzidos, isso serviu como uma introdução ao tema morte. Como a maioria havia tido ideias autênticas, foi dito todo tipo de resposta.

As perguntas que foram feitas para serem utilizadas tiveram sua elaboração de forma tal que o entendimento fosse ágil para as crianças, tentando ao máximo não induzir nenhum tipo de resposta, podendo assim ter uma ideia mais genuína dos pensamentos de cada criança.

Cada entrevista teve a duração de aproximadamente 2 minutos. Foram planejadas 4 questões, as quais serviriam como base para o assunto morte ser introduzido através do desenho criado, mas como já esperado, o questionamento não se limitou somente as quatro perguntas, como afeito à entrevista semiestruturada. Assim, de acordo com o que as crianças respondiam surgiam mais questões, de forma que complementasse suas respostas e concluísse seus pensamentos iniciais.

As entrevistas foram gravadas e transcritas (ver anexo 2) e posteriormente foram analisadas a partir de categorias nas quais foram classificadas.

CAPÍTULO II

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – TEORIAS PARA A ANÁLISE DE DADOS

O INEVITÁVEL E INEXORÁVEL TRIUNFO DA MORTE

“Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre.”

Frase do Chicó sobre a morte do João Grilo no Auto da Compadecida, obra de Ariano Suassuna.

A morte sempre representou um dos grandes tabus da humanidade e certamente todos tivemos ou teremos contato com o assunto em algum momento das nossas vidas. É comum pensarmos sobre a percepção das crianças acerca da morte em uma tentativa de poupá-las do contato com o infortúnio, mas, certamente as crianças sabem muito mais sobre a morte do que muitas vezes pensam os pais.

As experiências de crianças com a morte, até mesmo muito novinhas, são inúmeras, tais como a morte de um animal de estimação, um parente querido, um irmão ou até mesmo dos pais, podem colocá-las em contato direto com o fenômeno. Algumas vezes de modo direto e próximo e outras mais distanciadas. Porém, é certo que percepções sobre a morte fazem parte da vida de todos.

Mas, como proporcionar às crianças um entendimento sobre a morte? O auxílio dos adultos nesse sentido é indispensável, tanto para falar como para ouvi-las. Perceber os sentimentos das crianças diante da morte e ajudá-las na compreensão de que diante da morte todos os tipos de sentimentos são normais, parece ser indispensável. Certamente as variações nas percepções das crianças frente à morte estão relacionadas com suas percepções sobre a vida. Nesse sentido, Sadock; Sadock e Ruiz (2009, p. 1354) apontam que

As atitudes das crianças em relação à morte refletem suas atitudes em relação à vida. Embora elas compartilhem medos, ansiedades, crenças e comportamentos sobre morrer com adolescentes, adultos e idosos, algumas de suas interpretações e reações são específicas da idade. Nenhuma criança recebe a morte sem ambivalência, e todas tentam temperar sua aceitação com doses sadias de negação e esquiva. Crianças terminais com frequência têm consciência de sua condição e querem discuti-la. Elas em geral têm uma visão mais sofisticada sobre morrer do que seus pares que estão

clinicamente bem, engendrada por sua própria saúde frágil, pela separação dos pais, submissão a procedimentos dolorosos e morte de companheiros no hospital.

A atitude dos adultos frente à morte, diante da tristeza e da dor na qual se envolvem, é racionalmente, a de preservar as crianças desses sentimentos, com a concepção de que não entenderão. Porém, as crianças também têm o direito de participar desses eventos de dor familiar, ainda que sejam momentos difíceis. A morte, por envolver um mistério também para os adultos, é natural que esses encontrem dificuldades em saber o que dizer para os pequenos frente ao fenômeno, mas, os adultos continuarão sendo os responsáveis por ensinar as crianças acerca dos sentimentos e emoções que rondam o entendimento e aceitação da morte.

Mas, como as crianças que passam pela experiência da morte, de um animal de estimação ou de um parente, convivem com o fato? Como nos espaços sociais por onde a criança circula, como a escola, por exemplo, os professores tratam do assunto? Possivelmente os conteúdos associados à morte vistos na escola diz respeito aqueles introduzidos nos ciclos de vida em Ciências. São vistos de modo distanciado e vago, sem envolver emoções, como se acontecesse apenas com outros seres vivos e, portanto, não afeito aos seres humanos.

É satisfatório pensar que assim como ocorre com os adultos, a compreensão sobre algum fenômeno da natureza apresenta diferentes níveis de entendimento das crianças. É possível que alguns elementos sejam fundamentais nesses níveis de compreensão, tais como experiência pregressa e diversa, idade, repertório cultural escolarizado e mediação docente.

Os professores educação infantil possuem algum preparo para lidar com a morte para as crianças? Ou o assunto emerge apenas a partir de experiências vividas por alguma criança ou mesmo adulto no âmbito da escola? Visto ser um conteúdo tabu, desvelá-lo a partir da compreensão dos diversos atores que atuam nas escolas representa um grande desafio. Porém, dado o propósito desse trabalho monográfico, se busca apenas o entendimento de como a morte é compreendida por crianças da educação infantil, inserindo-se o mesmo, como já apontado seus motivos, no universo das Representações Sociais.

Entende-se a Teoria das Representações Sociais como uma forma sociológica de Psicologia Social (FARR, 1995), surgida na Europa a partir da publicação do livro *A psicanálise, sua imagem e seu público*, realizada por Serge Moscovici em 1961. Segundo Farr (1995, p. 32) “existe uma clara continuidade entre o estudo das representações coletivas de Durkheim e o estudo mais moderno, de Moscovici sobre representações sociais”. Dessa forma, há o entendimento de que Moscovici não elaborou sua teoria em um vazio cultural, ao contrário, apoiou-se especialmente em Durkheim.

A teoria das Representações Sociais enfatiza social e coletivamente dimensões de nossas cognições cotidianas sobre o mundo e o necessário para relacionar o nível cognitivo à processos sociais (HÖIJER; OLAUSSON, 2012). Para Moscovici (1973, p. xii) Representações Sociais não representa simplesmente opiniões sobre, imagens de ou atitudes em relação a, mas teorias ou domínios de conhecimento por direito próprio, pela descoberta e organização da realidade. Resultam da interação da sociedade com o homem e vice-versa em um constante reinventar de situações. Assim, as conexões entre os sujeitos tendem a gerar crenças e valores, que são passados adiante de geração em geração. Essas diferentes ideias e concepções construídas coletivamente em diferentes contextos e culturas podem ser denominadas, portanto, de Representação Social.

Mas, afinal, quando o assunto morte desperta interesses nas crianças? Sobre isso, Hunter e Smith (2008) apontam que inúmeros trabalhos indicam que crianças começam a pensar sobre a morte muito cedo em suas vidas. Porém, há algumas variações nos trabalhos sobre a idade exata em que as crianças adquirem o conceito de morte. Pesquisas concordam que mais crianças vão entendendo os elementos que cercam a morte conforme mais se aproximam dos seis anos de idade e possuem um entendimento mais completo entre nove e dez anos (REILLY, HASAZI, BOND, 1983; SPEECE, BRENT, 1984; KENYON, 2001). Para Kenyon (2001) crianças possivelmente começam a entender os sub-conceitos da morte, tais como irreversibilidade, universalidade, inevitabilidade e não-funcionalidade em torno dos três anos de idade. Com relação a como as crianças adquirem seus entendimentos sobre a morte, Hunter e Smith (2008) mostram que fatores como habilidades cognitivas, idade, experiências com a morte, cultura e religião, afetam o entendimento delas acerca da morte.

Segundo Miller (2008) duas teorias importantes têm sido usadas para explicar o entendimento das crianças sobre a morte, sendo de aceitação geral que o entendimento das crianças sobre esse infortúnio se baseia no desenvolvimento das mesmas e em suas experiências com a morte. Ainda segundo a autora, as duas teorias que apontam para esse entendimento são a teoria de Jean Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo e a de Urie Bronfenbrenner, teoria dos ecossistemas sócio-culturais ou teoria bioecológica.

De acordo com a teoria de Piaget, há quatro estágios de desenvolvimento cognitivo pelos quais uma criança passa para o amadurecimento e construção do pensamento racional. Primeiro estágio é o sensoriomotor que vai de 0 a 2 anos de idade; segundo estágio é o pré-operatório que vai de 2 a 6 anos de idade; terceiro estágio é o operacional concreto que vai de 6 aos 12 anos de idade e finalmente na adolescência atingem o estágio das operações formais (BEE; BOYD, 2015, p. 170).

Assim, pelo entendimento da teoria de Piaget, segundo Miller (2008), pode-se assumir que quanto maior a idade da criança, maior será também seu entendimento da morte. Segundo Hunter e Smith (2008) muitas pesquisas a respeito do entendimento das crianças sobre a morte tem sido baseadas na teoria de Piaget. Uma das pioneiras no estudo da compreensão das crianças sobre a morte foi Maria Nagy em seu trabalho de 1948: “*The child's theories concerning death*”, no qual enfatiza que o entendimento das crianças sobre a morte estava relacionado à idade, o que vai ao encontro das ideias de Piaget.

Analizando a teoria de Piaget a partir do segundo estágio de desenvolvimento, dos dois aos sete anos de idade - no primeiro estágio, em função do processo inicial da construção da linguagem, dificilmente pode-se deduzir sobre o que nesta fase as crianças percebem da morte -, entende-se que o maior desenvolvimento nesse segundo estágio é mesmo aquele voltado para a aquisição da linguagem. Segundo Huitt e Hummel (2003) o conceito importante nesse estágio é que o pensamento da criança é percebido como não-lógico e irreversível. Para Miller (2008), de acordo com a teoria de Piaget, crianças provavelmente não possam entender a morte nesse estágio porque ainda não desenvolveram o entendimento sobre conservação, ou seja, a ideia de que quantidades semelhantes permanecem as mesmas embora possam estar em recipientes diferentes. Em função dessa pouca idade, é possível que crianças nesse estágio vejam a morte como uma situação temporária.

Ainda segundo Miller (2008) o estágio mais investigado como sendo o mais provável onde se estabeleçam entendimentos sobre a morte é o operacional concreto na teoria de Piaget, pois o conceito mais importante desenvolvido pelas crianças nesse estágio centra-se no pensamento operacional. É nesse estágio que Piaget acredita que uma criança começará a entender que suas ações são reversíveis. O conceito que se começa a desenvolver nessa fase é o de universalidade, sendo também o estágio em que começam a pensar logicamente. Miller (2008) aponta ainda que a maior parte das pesquisas sobre crianças e morte tem determinado que o entendimento delas sobre a morte torna-se presente nesse estagio de desenvolvimento. Assim, a teoria de Piaget é importante porque sugere que uma criança não pode entender a morte até que se encontre um estagio de desenvolvimento apropriado.

Já a teoria de Bronfenbrenner dos ecossistemas sócio-culturais, examina influências que podem ajudar no desenvolvimento infantil. Assim, o teórico postula quatro sistemas que influenciam as crianças. A saber: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema. Para Miller (2008, p. 3),

O microssistema envolve influências diretas sobre a vida da pessoa tais como relacionamentos em seu ambiente pessoal. O mesossistema envolve as inter-relações entre os microssistemas. Por exemplo, o mesossistema examinaria as relações entre os pais e colegas. O contexto dos exossistemas é uma extensão do mesossistema sem diretamente envolver a criança. Finalmente o macrossistema é uma representação e influencia a cultura global e a estrutura social da pessoa. (tradução da autora)

A teoria de Bronfenbrenner foi desenvolvida em meados da década de 1970, ou seja, cerca de vinte e cinco anos após os trabalhos de Piaget. Por esta teoria, Bronfenbrenner acredita que crianças se desenvolvem em uma multiplicidade de contextos sociais. Segundo Miller (2008) sua teoria é definida como complexas camadas de ambiente, cada uma tendo um efeito sobre o desenvolvimento da criança. O desenvolvimento da criança é analisado dentro dos contextos dos sistemas de relacionamentos que formam seu ambiente. Nesse sentido, a experiência de morte é que vai desempenhar um papel mais substancial no entendimento da criança sobre o fenômeno segundo a teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner.

Para efeito do alcance desse trabalho, as duas teorias apontadas acima, são utilizadas na interpretação dos dados gerados (expostos no capítulo a seguir), uma vez que se aceita aqui que ambas não são mutuamente exclusivas.

CAPÍTULO III

3. ANALISE DE DADOS DA PESQUISA E RESULTADOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE NA ESCOLA

Ao se gerar os dados na pesquisa, transformá-los em informações com a intenção de desvelar dados da realidade, se produz um grande esforço interpretativo que procura atender a soluções do problema de pesquisa, dentro dos objetivos pretendidos, unindo os referenciais teóricos à análise para garantir a substância o trabalho. Nessa perspectiva as análises aqui feitas se pautam.

Embora as crianças participantes da pesquisa na educação infantil da escola apontada, represente um quantitativo de trinta e duas, esse contingente tomou parte na contação da história e da sequência em que foram chamados a desenhar o complemento dela. Porém, as transcrições apresentadas no anexo 2, foram utilizadas na análise 8 entrevistas, sendo de 4 crianças de cada período, 2 meninos e duas meninas de cada sala, com a idade variada entre 4 e 6 anos. Salienta-se mais uma vez que os nomes das crianças usadas no anexo 2 e nesta análise, bem como o nome da escola, são fictícios para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa.

Quanto aos desenhos realizados pelas crianças, Mèredieu (2006, p. 3) atesta que por muito tempo apenas as inabilidades motoras foram levadas em consideração em relação ao desenho infantil e sucessos eram atribuídos ao acaso. Concepções, que segundo, a autora são "tributárias de uma errônea teoria da percepção". Como derivadas da percepção e do entendimento da realidade do adulto. Assim,

Não existe visão verdadeira, e a visão adulta não pode de modo algum representar a medida padrão. Portanto, não se deve reduzir os processos infantis qualificando-os de "infantis". A criança está tão "perto das coisas" quanto o adulto, o pintor chamado realista, o primitivo ou o abstrato". (MÈREDIEU, 2006, p. 3).

Assim, os desenhos feitos pelas crianças, em uma análise simplista de um universo adulto, alguns podem parecer apenas rabiscos sem sentido, mas, a interpretação dos mesmos pelas crianças, ganha outros significados. Evidencia-se que os desenhos produzidos pelas

crianças nessa pesquisa representaram uma etapa metodológica cujo objetivo era eliciar representações delas sobre a morte.

Para a estruturação dos dados gerados procedeu-se a categorização dos mesmos de modo a identificar categorias onde as respostas foram delimitadas. Evidencia-se, porém que em uma mesma entrevista pode-se observar respostas de uma mesma criança ser classificada em categorias diferentes. Inspirando-se de técnicas de Análise de Conteúdo de Bardin (1977) se construiu uma Grelha de Análise, isto é, uma espécie de matriz de análise que "reúne os resultados e é susceptível de fazer surgir um sentido suplementar. [...] Esta grelha permite tornar visíveis certos tipos ou modelos de comportamentos (p. 62)". Conforme o quadro 1 abaixo que apresenta essa grelha de análise, foi possível traçar um perfil de percepções das crianças acerca da morte assim organizado:

Cadeia alimentar: Houve citação do peixe sendo comido por algum outro animal ou pessoa, o que pode gerar a hipótese de que a criança tenha ciência da ingestão de animais mortos e lide com isso normalmente.

Esqueletização: Foi dito pela criança a última etapa da decomposição de corpos.

Enterro: A criança descreveu parte do processo funerário, o que indica que ela está ciente de rituais praticados no momento da morte, sem necessariamente ter tido contato com alguma pessoa que passou por tal ritual.

Homicídio: Foi descrito pela criança algum tipo de homicídio, (morte causada por seres humanos), estando presente no desenho do peixe ou apenas citado como um fato que ocorreu com alguém próximo.

Cura: A criança acredita na imortalidade, ou seja, cura da morte. Em a sua imaginação, é possível “ressuscitar”.

Separação corpo e alma: A criança relatou em algum momento a separação de corpo e alma.

Hospital: Foi relacionado o momento da morte com ida ou passagem ao hospital, podendo sair de lá vivo ou continuar morto.

Teve contato com a morte: A criança vivenciou em algum momento de sua vida a morte de alguém próximo, o que pode influenciar em suas representações.

Fantasia: A criança inventa histórias fantosas sobre o que acontece pós-morte.

Quadro 1. Grelha de Análise das categorias utilizadas na classificação das respostas das crianças sobre a morte

CRÍANCA	CADEIA ALIMENTAR	ESQUELETIZAÇÃO	ENTERRO	HOMICÍDIO	CURA	SEPARAÇÃO CORPO E ALMA	HOSPITAL	TEVE CONTATO COM A MORTE	FANTASIA	
TIÃO, 5 anos	x	x	x					x		
RAVI, 4 anos		x		x		x		x	x	
MARGARIDA, 5	x	x			x		x			
RENATA, 5 anos		x	x							
CLÁUDIA, 6 anos		x	x							
RENATO, 5 anos	x		x		x		x			
TEREZA, 6 anos					x		x			
PEDRO, 6 anos		x	x	x		x				
	8	3	6	5	2	3	2	3	2	1

Fonte: Grelha de Análise elaborada pela autora.

Assim, em um exercício de reflexão e análise foram perfiladas as respostas nessas categorias: respostas que estão associadas a estruturas explicativas referentes a (1) cadeia alimentar; identificação de fases ou etapas da decomposição aqui categorizada como (2) esqueletização; as respostas que associam a morte com um ceremonial foram postas na categoria (3) enterro; representações que associam a morte à violência que a provocam estão na categoria (4) homicídio; respostas que apontam para a reversibilidade da morte foram categorizadas como (5) cura; representações que apontam para doenças que conduzem a uma etapa anterior de internações hospitalares foram colocadas em (6) hospital; respostas que indicam uma forte experiência com a morte foram categorizadas em (7) contato com a morte e por fim, aquelas respostas que de alguma forma imaginam o pós-morte foram separadas na categoria (8) fantasia.

Abaixo algumas considerações para as categorias elencadas, com falas representativas e ilustrações realizadas pelas crianças.

(1) Cadeia alimentar

Ainda que não tenham sido expostos a conteúdos sobre fluxo de energia na natureza, na educação infantil, é comum a criança assistir a documentários sobre vida selvagem onde

podem ver animais sendo predados por outros. Essas informações que chegam por meio de uma educação informal em tenra infância pode levar as crianças ainda novinhas a questionarem aos mais velhos sobre o fato. As explicações honestas possivelmente se enquadrem na perspectiva alimentar. Animais se atacam e comem uns aos outros para a manutenção da própria vida. Assim, crianças que possuem essa experiência podem associar o desaparecimento e morte do peixe da história, a uma tentativa de predação.

Assim, houve citação do peixe sendo comido por algum outro animal ou pessoa, o que pode gerar a hipótese de que a criança tenha ciência da ingestão de animais mortos e lide com isso normalmente. Isso pode ser exemplificado na fala de Tião em continuação a sua narrativa pictórica da história. Quando indagado sobre por que havia desenhado uma baleia, informa que a baleia "*comeu o peixe*". Ao ser questionado sobre o que aconteceu com o peixe na barriga da baleia, informa que o peixe "*virou carne*".



Figura 1. Desenho do garoto Tião para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

(2) Esqueletização

Ainda Tião, em continuidade quando indagado sobre o que achava que acontecia com o corpo de uma pessoa quando ela morre, Tião associa a morte a esqueleto, a ossos, porém não sabe muito bem o que responder. Como os questionamentos se seguem em busca desse entendimento, questionou-se então a criança se ela não conhecia ninguém que havia morrido. Apesar de prontamente ter respondido que não, lembrou-se e informou que "*teve né?... Um dia quando, quando meu vô morreu, minha mãe me levou, lá, lá... É... Lá do cemitério, mas eu vi meu vô lá enterrado!*". Mesmo provocado sobre o que achava que aconteceria depois, apontou que não se lembrava mais. Na entrevista ao garoto Pedro também é perceptível o entendimento de que a morte transforma as pessoas em esqueletos e já possui um entendimento mais elaborado ao apontar que para atingir o estado de esqueleto alem de ficar

enterrado, deve passar por decomposição por micróbios: "aí os micróbios comem aí vira um esqueleto só."

(3) Enterro

A resposta de Tião poderia também estar aqui categorizada, pois a morte do avô para Tião se resume a uma cerimônia, o enterro. Já expressão do garoto Pedro, por exemplo, poderia se estabelecer em categorias diferentes, pois evidencia a morte como uma separação do espírito que vai para o céu e corpo que fica na terra e é comido pelos micróbios: "*O corpo fica, quando alguém morre, o corpo morre, quando o corpo morre, o espírito sai do corpo aí vai pro céu*" e o corpo "*fica dentro da terra*".

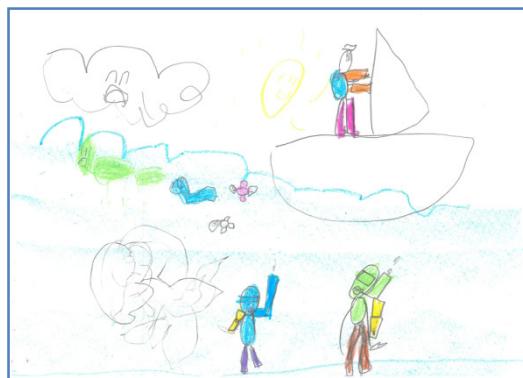


Figura 2. Desenho do garoto Pedro para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

A criança Renato interpreta seu desenho mencionando que o peixinho foi comido por tubarão conforme a interpretação do seu desenho (figura 3). Ao ser questionado sobre o que ocorre quando uma pessoa morre menciona também que vai para o hospital e depois de morta "vai enterrar", "porque Deus enterra", sem maior entendimento sobre o assunto.



Figura 3. Desenho do garoto Renato para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

A garota Cláudia embora interprete seu desenho (figura 4) como se o peixinho Lupe tivesse sido morto por um pescador, também resume sua percepção de morte ao enterro e à transformação do corpo em esqueleto, pois, ao ser indagada sobre o que acontece quando uma pessoa morre menciona que "*vai enterrada*" e em continuidade informa que embaixo da terra "*fica só o coração... Fica só o coração, e os esqueletos, e vai lá para o céu*".



Figura 4. Desenho da garota Cláudia para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

(4) homicídio

O garoto Ravi em seu desenho (figura 5) explica na entrevista que o peixe havia morrido de uma flechada e aponta o tubarão como sendo o responsável. Em continuação aos questionamentos, ao ser indagado sobre o que havia acontecido depois da morte do peixe, responde "*Virou de cabeça e afundou*". Essa criança possui uma estrutura explicativa de violência, em que o peixe foi morto por outro. Pode-se entender esse tipo de resposta como sendo produto de uma experiência anterior de violência ou mesmo uma exposição a animações na televisão, onde esse tipo de percepção pode ser construída.



Figura 5. Desenho do garoto Ravi para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

A garota Margarida também exibe em suas respostas sobre o seu desenho (figura 6) episódio de violência, ao apontar que o peixe morreu porque o tubarão o comeu! Indica ainda que o peixe dentro da barriga do tubarão "*ficou ruim e ele nunca mais vai comer nenhum*

peixe!". Ao ser indagada sobre o que acontece depois que uma pessoa morre, Margarida certamente também reflete experiência da violência urbana, ao responder "*É... Ela morre, por causa que, ela é assaltada*".



Figura 6. Desenho da garota Margarida para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

Após ser solicitada pela entrevistadora sobre o assalto e a morte, Margarida menciona "*É porque a minha mãe já foi assaltada, aí ela foi assaltada e ela foi assaltada e levou o telefone*". Embora a mãe de Margarida não tenha "morrido" nesse assalto, a criança percebe o perigo de sê-lo diante de um episódio semelhante de violência haja vista que certamente se evidenciou o perigo que se corre de morrer diante de assaltos. Mas, Margarida não tem muita certeza do que seja a morte, pois associa a morte a uma ida momentânea ao hospital.

(5) cura

É possível ainda a partir da interpretação das falas da garota Margarida identificar a morte como algo que pode ser remediada com a ida ao hospital que possivelmente "*resolve*" a morte. A pessoa morta após passar pelo hospital "*ela vai para casa*". Ao ser questionada se a pessoa ficava em casa morta, Margarida informa que "*Não*" e ela "*vai passear*" e ainda diante da insistência se a pessoa iria passear morta, a criança meneia positivamente a cabeça. É possível que Margarida ainda não tenha o entendimento da morte em função da sua idade e da falta de experiência com o assunto.

A garota Tereza em seu desenho (figura 7) continua a história de que o peixinho foi pescado e que serviu como comida, mas, ao ser questionada sobre o que acontecia quando uma pessoa morria, ela informa que "*tem que levar pro hospital*" e completa dizendo que no hospital se faz a "*cura!*" e reforça com as afirmações de que "*quando ela tá morta leva pro hospital pra curar*" e "*Amham... pra ficar viva*". Possivelmente essa criança deve ter alguma

experiência sobre idas a hospitais diante de doenças, pois percebe o hospital como o lugar onde as pessoas entram doentes e até mortas e saem boas. Não se pode afirmar, no entanto se já teve contato com a morte, mas fica evidente que sua percepção é de que a condição “morte” é um quadro perfeitamente curável.

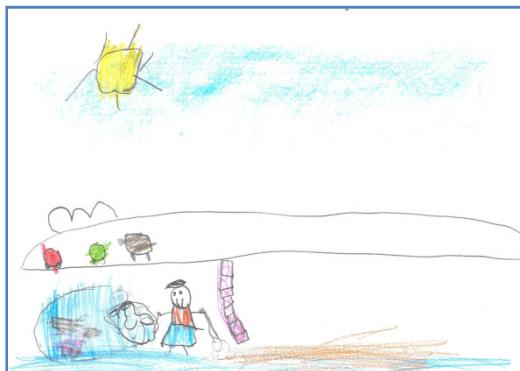


Figura 7. Desenho da garota Tereza para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

(6) hospital

Retornando à garota Margarida, ela pode ter suas falas também classificadas dentro da categoria “hospital”, conforme apontado acima, ao ser indagada sobre o que acontece com alguém que foi assaltado e morrer, ela apenas responde que "*leva ela pro hospital*". Embora a pesquisadora tenha indagado o que acontece mesmo com ela morta depois do hospital, a criança responde que "*Depois do hospital ela vai pra casa*". Fica evidente mais uma vez que a criança Margarida embora tenha referência com episódios de violência, não possui ainda uma noção da morte e suas outras respostas na sequência da entrevista não negam isso.

Nas respostas da criança Renata, há a percepção que mesmo morta uma pessoa deve ir para o hospital para tomar injeções para ver se não está desmaiada. Aqui, fica evidenciado a morte como uma condição passageira como também pode ser percebido nas falas da criança Tereza mencionadas na categoria (5) cura.

(7) Contato com a morte

O garoto Ravi ao explicar seu desenho (figura 5) informa que quando se morre se transforma em zumbi e constrói uma fantasia que pode ser vista na categoria 8. Diante da insistência do garoto sobre a transformação em zumbi no pós-morte, a entrevistadora questiona se ele não conhecia ninguém que havia ido para o céu, o mesmo responde "*Hum... Meu pai!*". Como não houve insistência sobre o que aconteceu, a criança não ofereceu

maiores detalhes, embora também concorde que o pai tenha se transformado também em um zumbi.

(8) Fantasia

O garoto Ravi também na continuação da entrevista em sua fantasia pós-morte, ao ser indagado sobre o que ocorre com uma pessoa depois que morre assim responde "*Ela vira... Zumbi*". Ao responder sobre o que havia acontecido com ele, o garoto informa que "*Ele virou esqueleto*" e logo depois completa "*E zumbi!*". Como a criança respondia sobre os zumbis seriamente, pode-se deduzir que foi exposto a algum filme onde as pessoas quando morrem se transformam em zumbi, compreensão que pode ser dita de uma experiência.

Em outra resposta que pode ser categorizada aqui, tem-se como um bom exemplo a obtida de Renata quando chamada a explicar seu desenho (figura 8). A mesma assim informa: "*O peixinho tava passeando e cantando, quando veio uma bruxa, enfeitiçou e ele morreu. A mãe e a namorada dele ficou triste*". Quando indagada sobre como o peixinho morreu ela menciona que "*A bruxa lançou um feitiço*". Ao ser questionada sobre o que aconteceu depois que o peixinho morreu, Renata informa que "*Ele... Todo mundo ficou triste e chorou*". Quanto ao que aconteceu com o corpo do peixinho, menciona que "*Pôs na lama do mar*". E que depois que foi para lama do mar "*foi pro céu*". Com essa deixa, Renata foi questionada sobre o que ocorre com uma pessoa quando morre e prontamente responde que "*Vai pro céu!*". Mas, indagada sobre o que ocorre com o corpo, a criança responde que "*vira caveira aqui e a carne vai pro céu!*".

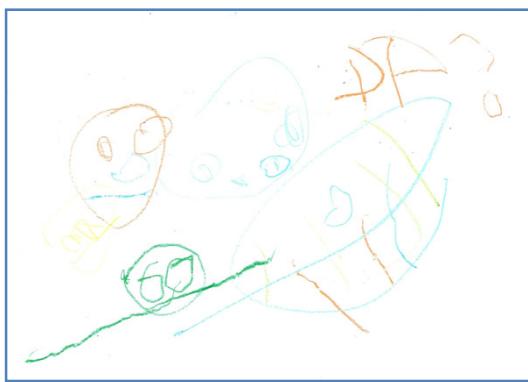


Figura 8. Desenho da garota Renata para explicar o que ocorreu com o peixe Lupe

Na contemporaneidade é demasiadamente complexo impedir que as crianças tenham acesso a determinados assuntos. Com cada vez mais avanços tecnológicos, os pais acabam

por tornar os aparelhos eletrônicos como a função de babá ou até mesmo professores de seus filhos. Obviamente existem recursos nesses mesmos aparelhos que podem limitar o que chega aos olhos dessas crianças, mas nem sempre os pais estão cientes desses meios como filtros, e acabam não supervisionando o que é acessado. Assim, diante de algumas falas das crianças entrevistadas, é possível perceber a existência de experiências provenientes de fontes como televisão, animações, como no caso do garoto Ravi.

Não obstante a falta de uma supervisão por parte dos pais a uma exposição a qual os filhos são submetidos, uma preocupação comum a todos diz respeito à violência. Essa é uma realidade hoje, presente tanto em ambientes urbanos quanto rurais. Encontrar alguma pessoa que sofreu por violência ou conhece alguém que já foi vítima é algo comum. A mídia já não possui um manejo adequado contra conteúdos violentos, é “normal” ser noticiado tragédias em jornais e exibições de filmes ou programas em qualquer horário da programação. Com essa acessibilidade a conteúdos hostis e cruéis, é inevitável que as crianças sejam expostas constantemente a essa exibição. Como pôde ser lido nas entrevistas crianças que já vivenciaram episódio de violências com seus pais.

A escola por ser uma instituição onde as crianças passam parte do seu tempo além do convívio com sua família está sujeita a ser demandada por pais a contribuir com estruturas explicativas mais variadas como a expressa abaixo:

“... Assim que acabaram as últimas férias, nas primeiras semanas de aula, um pai nos ligou no sábado informando que a sua esposa havia falecido de câncer. Ele queria informações, de nós professores, de como dizer isso com as crianças (era pai de uma aluna de 6 anos).” (Relato oral de professora de séries iniciais do Ensino Fundamental).

Assim, quando ocorre uma tragédia na família, junto do sofrimento do fato em si, fica a angústia de como informar a situação para as crianças. Geralmente é dada uma explicação ilusória, a fim de mascarar a morte tanto de parentes como de animais domésticos. É comum o uso de frases como “*O vovô foi fazer uma viagem longa*” ou “*O seu gatinho virou uma estrelinha*” para noticiar a morte à crianças, o que pode ser um equívoco, possivelmente por privá-la de um momento de expressão de luto. Mas, em busca de uma explicação utilizando-se a teoria de Piaget, a depender da idade da criança, e do seu estágio de desenvolvimento cognitivo, portanto, ela não compreenderá o que se passa em eventos de morte. É perceptível nas entrevistas, a falta de maturidade cognitiva em alguns sobre as situações de morte.

A dificuldade de mencionar o tema morte para crianças não é exclusiva de seus parentes próximos. Os pais da criança tem maior ciência de como a desejam criar. Quando é

preciso anunciar algum falecimento, os pais têm a autonomia de escolha de seus esclarecimentos. Caso os pais desejem relacionar a explicação com assuntos religiosos, não serão cobrados nem punidos por terceiros. As instituições de ensino público brasileiras são laicas, teoricamente. Explicar esse tipo de fenômeno, tão íntimo para as crianças, é um grande desafio. Nós, alunos de licenciaturas, não recebemos nenhum tipo formação de como se lidar com esses acontecimentos, por mais que sejam frequentes nas vidas de todas as pessoas. É impossível sair preparado, da universidade, para tudo o que pode ocorrer no cotidiano escolar.

As teorias indicadas no capítulo 2, a de Piaget dos estágios de desenvolvimento cognitivos e a de Bronfenbrenner podem ambas ser utilizadas para compreender os achados a partir dos dados gerados. Em alguns casos podemos perceber que as crianças que não passaram por experiências com a morte, não possuem ainda maturidade em seu estágio cognitivo, que pela faixa etária, ainda estão no pré-operatório e como as pesquisas indicam, nesse estágio ainda não há uma compreensão adequada sobre a morte, sendo o operatório concreto o estágio onde se organizam um entendimento mais sofisticado sobre o fenômeno.

Quanto às crianças que passam por experiência com a morte, é perceptível também que adquirem alguma noção ainda que sincrética sobre o assunto, sendo perfeitamente adequado usar a compreensão de Bronfenbrenner na qual as experiências vão integrando as camadas de ambiente as quais vão compondo o desenvolvimento da criança. É possível que a maturidade cognitiva seja de fato um componente essencial para uma compreensão mais madura a respeito da morte, mas, as experiências adquiridas com a vivência acerca da morte, possivelmente tornarão a compreensão dos indivíduos mais sólidas quando estiverem mais maduros.

Conclusões e considerações finais

Em relação à amostra de crianças pesquisada, por conta da diversificação de contextos sociais, pode se verificar uma grande variedade de representações, já que a realidade de cada um se diferencia do outro. Alguns demonstram ter um conhecimento mais concreto do que se acontece na realidade, enquanto outros fantasiam hipóteses irreais.

É possível observar variado número de soluções criadas pelos alunos. Alguns, por estarem próximos demais dos amigos, “compartilharam” a sua criatividade, resultando em

ilustrações semelhantes, mas mesmo assim foi possível obter resultados satisfatórios, o evidencia que a técnica de pesquisa é perfeitamente aplicável e eficiente para eliciar representações de temáticas tão sensíveis.

É nítida a percepção do contexto em que as crianças vivem, de acordo com o que respondem. Podemos facilmente, por exemplo, identificar uma criança que é residente de uma área com um grau maior de violência urbana, fazendo uma leitura simples da transcrição de sua entrevista.

Quanto aos objetivos traçados para a pesquisa diante do pressuposto inicial, é possível dizer que o meio social influencia no entendimento da morte o que fica expresso na representação de algumas crianças. Ainda que a maneira pela qual isso acontece represente um caminho não verificável pela metodologia aplicada, uma vez que seria necessário buscar a história de vida dos indivíduos, pode-se fazer algumas inferências sobre o tipo de vivência que a criança está exposta, como visualizar filmes e animações com conotação de violência, morte, zumbis, etc., ou mesmo a vivência com algum tipo de violência a que a mesma foi exposta, como a oferecida pela experiência com um assalto que uma criança relata.

É possível também perceber que quanto maior à maturidade das crianças mas há um entendimento sobre a morte, o que corrobora a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. As entrevistas com as crianças com 4 e 5 anos podem reafirmar isso. Apesar de apresentarem alguns indícios de contato com a morte, ainda não conseguem ter uma explicação mais madura sobre o assunto.

Sobre a maneira como o conhecimento das crianças sobre a morte é formado, pode-se recorrer às estruturas explicativas de Bronfenbrenner e perceber nas "camadas de ambiente" dos círculos sociais da criança uma influência direta nas representações. Diante disso, é possível a partir do pressuposto inicial dessa pesquisa, aproximar-se de uma afirmação que mostra que o tipo de representação social que as crianças da educação infantil possuem da morte está relacionado a um gradiente de explicações que vão do simples ao mais elaborado e que para isso contribuem diretamente tanto a maturidade cognitiva quanto o nível de experiências que vivenciam.

Provavelmente para a ampliação do entendimento da copreensão das crianças sobre o tema, o conhecimento de suas histórias de vida seria de fundamental importância e com essa perspectiva pode-se pensar em estudos posteriores que fortaleçam essa suposição.

Uma pesquisa pela qual nutrimos afeição certamente vai se transformando em verdadeiros programas de pesquisa e por certo, espera-se a partir do apanhado introdutório

dessa pesquisa ampliá-la em uma pós-graduação dada a profusão de caminhos analíticos que se descontinam.

Assim, um avanço futuro nesse campo de estudo pode ser feito mais detalhadamente sobre a influência da experiência pregressa das crianças em relação à morte, a relação com a faixa etária e maturidade de entendimento do fenômeno, bem como o repertório cultural dos seus círculos sociais e mesmo a influência do universo escolarizado com a mediação dos professores.

Referências bibliográficas

- ARIÉS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, A.J.P.; LEHFELD, N.A.S. **Projeto de Pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BEE, H.; BOYD, D. **A criança em Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CARNEIRO, M. H. S. Construtivismo e ensino de ciências - módulo III - Consórcio Setentrional. In: **Consórcio Setentrional** - Alcântara, Marcelo Silveira (org.). (Org.). Processos de manutenção da vida. Brasília: Universidade de Brasília, 2007, p. 56-79.
- CHAIB, M.; DANEMARK, B.; SELANDER, S. **Education, Professionalization and Social Representations**: On the Transformation of Social Knowledge. New York-London: Routledge, 2012.
- FARR, Robert M. Representações Sociais; a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COSTA, C.B.; MARIZ, A.D. **Imaginário e História**. São Paulo: Marco Zero, 1999
- HÖIJER, B.; OLAUSSON, U. The role of the Media in the Transformation of Citizens' Social Representations of Suffering. In: CHAIB, M.; DANEMARK, B.; SELANDER, S. **Education, Professionalization and Social Representations**: On the Transformation of Social Knowledge. New York-London: Routledge, 2012.
- HUITT, W.; HUMMEL, J. **Piaget's theory of cognitive development**. Educational Psychology Interactive. Valdosta, GA: Valdosta State University, 2003.

HUNTER, S.B.; SMITH, D.E. **Predictors of children's understandings of death:** Age, cognitive ability, death experience and maternal communicative competence. *Omega: Journal of Death and Dying*, 57(2), 143-162, 2008.

KENYON, B.L. Current research in children's conceptions of death: A critical review. *Omega: Journal of Death and Dying*, 43(1), p. 63-91, 2001.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MILLER, J.E. **Challenging child development theory on the understanding of death:** learning through the experiences of child life specialists. Theses and dissertations. Paper 904. Ryerson University. Digital Commons. 2008. Disponível em: <https://digital.library.ryerson.ca/islandora/object/RULA:1335/datastream/OBJ/download/Challenging_child_development_theory_on_the_understanding_of_death_learning_through_the_experiences_of_child_life_specialists.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

MOREIRA, M.A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU; 1999.

MOSCOVICI, S. foreword. In: C. Herzlich, **Health and Illness: a Social Psychological Analysis**, London, Academic Press, 1973.

NAGY, M. The child's theories concerning death. *The Journal of Genetic Psychology*, 73, p. 3-27, 1948.

REILLY, T.P.; HASAZI, J.E.; BOND, L.A. Children's concepts of death and personal mortality. *Journal of Paediatric Psychology*. 8(1), p. 21-31, 1983.

REIS, L.G. **Produção de monografia**: da teoria à prática. Brasília: SENAC-DF, 2008.

SADOCK, B.J.; SADOCK, V.A.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SANTOS, M . E . V . M . **Mudança conceitual na sala de aula:** um desafio Pedagógico Epistemológico Fundamentado. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

SPEECE, M.W.; BRENT, S.B. **Children's understanding of death:** A review of three components of a death concept. *Child Development*, 55, p. 1671-1686, 1984.

APÊNDICE

1

História contada para iniciar a geração de dados

Era uma vez um peixinho chamado Lupe.

O peixe Lupe vivia feliz com sua família no lago Paranoá.

Um dia os amigos de Lupe estavam contentes a nadar e resolveram o
procurar para juntos irem brincar.

Procuraram por todo o dia, mas ninguém conseguia o encontrar.

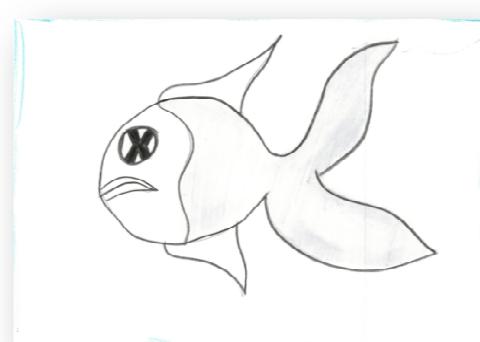
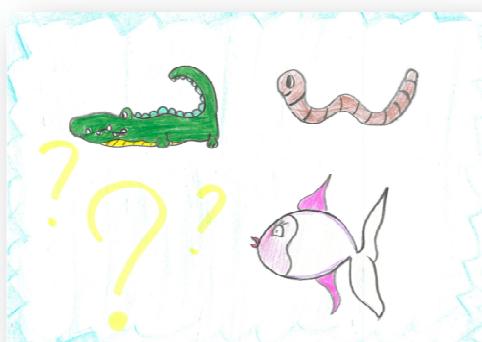
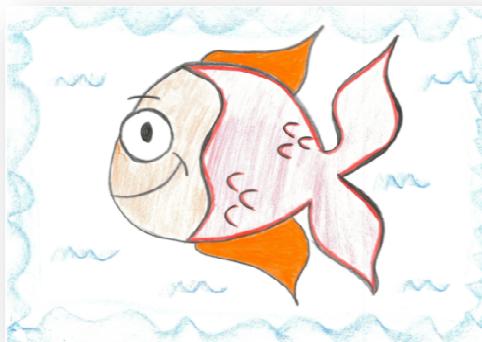
De repente a mãe de Lupe apareceu e estava, em prantos, a chorar.

“Senhora, o que aconteceu?”, perguntaram os amigos.

Com lágrimas nos olhos ela respondeu:

“Meu filhotinho Lupe, infelizmente ele morreu.”

O que aconteceu com o peixinho Lupe?



2

Transcrições das entrevistas

4 primeiras são crianças do 1º Período

4 últimas de crianças do 2º Período

Os nomes adotados são fictícios para resguardar o anonimato dos estudantes

Elen: Tião, o que que você desenhou?

Tião: Uma baleia

Elen: E o que que a baleia fez?

Tião: Comeu o peixe?

Elen: Assim que o peixinho morreu?

Tião: Uhum

Elen: Ele foi engolido?

Tião: É

Elen: E o que que aconteceu com o peixe depois que ele ficou na barriga da baleia?

Tião: Morreu?

Elen: Morreu, e depois que ele morreu, o que que aconteceu com o corpo dele?

Tião: É... Virou carne?

Elen: Virou carne?

Tião: É

Elen: Aí virou carne dentro da baleia, e depois?

Tião: É... Não sei!

Elen: E o que que acontece quando uma pessoa morre? O que que “cê” acha que acontece com o corpo dela?

Tião: Só fica o osso?

Elen: So fica o osso?

Tião: Aí o osso quebra...

Elen: O osso quebra? Ah, entendi... E o osso fica aonde?

Tião: Dentro da nossa pele?

Elen: Mas depois que ele morre, que que a gente faz com o osso dela?

Tião: É... A gente pega... Aí a gente pega ela, o osso dela...

Elen: E faz o que?

Tião: Não sei! Quebra o osso é?

Elen: Quebra o osso pra que? Em?

Tião: É porque... Eles quebra o osso é?

Elen: Não sei, você quem tá falando... Pra que que a gente quebra o osso?

Tião: Pra... Pra gente comer?

Elen: Comer?

Tião: Não, então, pra jogar no lixo, não né?

Elen: Não?

Tião: Pra jogar na água? Não né

Elen: Água? Ah, então quando a pessoa morre, ela vira um osso, o corpo dela vira... Calma aí...

Tião: Não sei.

Elen: Ela vira um osso , a gente pega o osso e joga na água, é isso?

Tião: Huummmm...

Elen: Você não conhece ninguém que morreu não?

Tião: Não.

Elen: Ninguém?

Tião: Porque eu nunca vi!

Elen: E não teve nenhum bicho que morreu?

Tião: Teve né, um dia quando, quando o meu vô morreu, minha mãe me levou, lá, lá , é lá do cemitério, mas eu vi o meu vô lá enterrado.

Elen: Ah, então é isso que acontece quando a pessoa morre?

Tião: É, só que eu não lembro.

Elen: “Cê” foi lá no cemitério ver ele?

Tião: É, fui.

Elen: Ah, entendi. Tá bom **Tião**.

Elen: Ravi, o que que você desenhou aqui pra mim?

Ravi: É, esse é o que morreu.

Elen: O que morreu?

Ravi: Uhum.

Elen: E o que que tem perto dele?

Ravi: Os amigos dele tão aqui.

Elen: E como é que ele morreu Ravi?

Ravi: Com uma (sons inaudíveis).

Elen: Com o que?

Ravi: Uma flecha!

Elen: Uma flecha? Quem fechou ele?

Ravi: Quem fechou ele?

Elen: É... O amigo?

Ravi: Não, esse é o tubarão.

Elen: Ah, esse tubarão flechou?

Ravi: Uhum.

Elen: E o que que aconteceu depois que o ele morreu?

Ravi: Virou de cabeça e afundou.

Elen: Afundou no lago?

Ravi: Aham.

Elen: E o corpo dele, como é que ficou?

Ravi: Vermelho.

Elen: Vermelho? Por quê?

Ravi: Sei lá...

Elen: Sei lá? E a pessoa quando morre, que que acontece com ela?

Ravi: Ela vira... Zumbi.

Elen: Ela vira zumbi? Você conhece alguém que morreu?

Ravi: Uhum.

Elen: E o que que aconteceu com essa pessoa?

Ravi: Ela virou zumbi.

Elen: E quem é essa pessoa? Em?

Ravi: Sei não...

Elen: Não conhece ninguém que foi pro céu?

Ravi: Hum... Meu pai!

Elen: Como é que... Que que aconteceu com ele?

Ravi: Ele Virou esqueleto.

Elen: Virou esqueleto?

Ravi: E zumbi.

Elen: Zumbi? E você viu ele na rua andando igual zumbi Ravi?

Ravi: ...

Elen: Você já teve algum bicho?

Ravi: Uhum.

Elen: qual?

Ravi: Cachorro.

Elen: E esse cachorro tá vivo ou ele morreu?

Ravi: Vivo.

Elen: Que que "cê" acha que acontece se ele morrer um dia?

Ravi: Ter filhote.

Elen: Não, depois de morto não tem filhote. Depois que morre, morre né? Eles tem filhotes ANTES de morrer, "cê" não acha? Quando tá vivo?

Ravi: ...

Elen: Então... O peixe, ele só afundou? É isso?

Ravi: Uhum... Atirou a flecha

Elen: Tá bom Ravi, pode ir pra sala.

Elen: O que que tá acontecendo no seu desenho?

Margarida: O tubarão vai pegar ele.

Elen: E depois?

Margarida: A, o tubarão pegou ele, e ele, ele, morreu.

Elen: Ele morreu? E onde é que... E o corpo dele? Ele ficou aonde depois que ele morreu?

Margarida: Ficou lá... Em Brasília...

Elen: Lá no lago né?

Margarida: Aham!

Elen: E o que é que aconteceu com o corpo depois que le morreu?

Margarida: Ele ficou morto, e o corpo dele, o tubarão comeu o corpo dele.

Elen: E dentro da barriga do tubarão, como é que ficou o corpo dele?

Margarida: Ficou ruim e ele nunca mais vai comer nenhum peixe!

Elen: Ah! E o que que você acha que acontece com a pessoa, depois que a pessoa morre?

Margarida: É... Ela morre, por causa que, ela é assaltada.

Elen: É assaltada?

Margarida: É porque a minha mãe já foi assaltada, aí ela foi assaltada e ela foi assaltada e levou o telefone.

Elen: Ela ficou sem telefone?

Margarida: E... E se a pessoa que foi assaltada morrer? O que que vai acontecer com essa pessoa que morreu? O que que a gente faz com ela?

Margarida: Leva ela pro hospital.

Elen: Pro hospital, ela morta? E depois do hospital?

Margarida: Depois do hospital ela vai pra casa.

Elen: E ela fica em casa morta?

Margarida: Não!

Elen: Ela vai pra onde?

Margarida: Vai passear!

Elen: Morta?

Margarida: (Afirmou com a cabeça)

Elen: E os bichinhos depois que morrem? O que que a gente faz com eles? O que que acontece?

Margarida: É... leva pro veterinário, mas ele tá machucado.

Elen: Mas se ele morreu, já era, não vai mais ficar bom. O que que acontece com o corpo dele?

Margarida: Fica fora o corpo dele, ai ele morre de verdade.

Elen: Quando a gente, a gente mata uma formiga, e deixa ela lá no chão, o que que acontece depois?

Margarida: Não sei.

Elen: Não sabe? Tá bom.

Elen: Renata o que que você fez no seu desenho?

Renata: O peixinho tava passeando e cantando, quando veio uma bruxa, enfeitiçou e ele morreu. A mãe e a namorada dele ficou triste.

Elen: E como é que ele morreu?

Renata: A bruxa lançou um feitiço.

Elen: Um feitiço?

Renata: É.

Elen: E o que que aconteceu com ele depois que ele morreu?

Renata: Ele... Todo mundo ficou triste e chorou.

Elen: Triste e chorou? E o corpo dele, o que fizeram?

Renata: Pôs na lama do mar.

Elen: Na lama do mar? Embaixo?

Renata: É

Elen: E depois que ele foi pra lama do mar, aconteceu o que?

Renata: Foi pro céu.

Elen: E ele ficou inteiro na lama do mar?

Renata: (sons inaudíveis)

Elen: Hum. E quando uma pessoa morre, o que que acontece com ela?

Renata: Vai pro céu.

Elen: E o corpo dela, o corpo faz o que?

Renata: Ele vira caveira, a carne das pessoas vai pro céu.

Elen: Ele vira caveira aqui e a carne vai pro céu?

Renata: Uhum

Elen: E quando uma pessoa vai tentar atravessar aquela rua, ali agora, foi atropelada, e morre, o que vai acontecer com ela?

Renata: Ela vai pro hospital, toma injeção pra ver se só ta desmaiada ou não, se morreu enterra, ai o osso fica na areia e a carne da pessoa vai pro céu.

Elen: Ah entendi. E é assim com todo mundo e com os bichinhos também?

Renata: Sim, mas quando a pessoa desmaiada não.

Elen: Ah, quando ela desmaiada o que é que a gente faz? A gente leva no hospital e da injeção né?

Renata: Ela acorda.

Elen: Entendi! Muito bem!

Elen: Cláudia, me diz o que é que tá acontecendo no seu desenho?

Cláudia: Eu... O peixinho morreu...

Elen: Como é que o peixinho morreu?

Cláudia: O pescador.

Elen: O pescador? E o que que o pescador fez?

Cláudia: Matou ele.

Elen: Matou ele? Como?

Cláudia: Com uma faca.

Elen: Com uma faca? E o que que aconteceu com o corpo dele depois que ele morreu?

Cláudia: Foi, ele comeu.

Elen: Comeu?

Cláudia: Uhum.

Elen: E o que que você acha que acontece com uma pessoa, depois que a pessoa morre?

Cláudia: Vai enterrada.

Elen: Vai enterrada? E depois que é enterrada? Lá embaixo da terra, o que que acontece com o corpo dela?

Cláudia: Fica só o coração... Fica só o coração, e os esqueletos, e vai lá pro céu.

Elen: E por que que fica só o coração e os esqueletos?

Cláudia: Porque a pessoa já morreu.

Elen: E o que que... E que é que... Como é que as outras partes do corpo somem? E fica só o coração e esqueleto...

Cláudia: É que o espírito vai lá pro céu.

Elen: Ah e o corpo fica só o coração e o esqueleto?

Cláudia: Aham.

Elen: E isso que aconteceu com o peixe?

Cláudia: Ele morreu e foi isso... E quando o coração para de bater, é quer dizer que já morreu.

Elen: ah, quando o coração para de bater quer dizer que a pessoa já morreu né?

Cláudia: Uhum.

Elen: Entendi.

Elen: Renato Cruz, esse é seu desenho né? E o que que acontece com ele?

Renato Cruz: O tubarão tava correndo atrás dele aí os amigo dele viu, aí veio o outro tubarão e comeu.

Elen: Comeu o peixinho?

Renato Cruz: Aham.

Elen: E o que que aconteceu com o peixe na barriga do tubarão?

Renato Cruz: O tubarão mastigou, depois comeu o peixe, depois os amigo dele conseguiu salvar da boca dele, porque abriu a boca dele, e ele caiu dentro do mar, aí tirou.

Elen: Mas ele morreu, não morreu?

Renato Cruz: Não.

Elen: Morreu, na história ele morreu. Então ele depois ressuscitou?

Renato Cruz: Sim.

Elen: Ah tá. E o que que você acha que a pessoa, o que que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Renato Cruz: Fica morta.

Elen: Fica morta? E o corpo dela?

Renato Cruz: Fica... Cheio de sangue.

Elen: Cheio de sangue?

Renato Cruz: Sim. Mas os amigos dele, aí o jacaré tava passando, e esse aqui, a cobra, meteu a língua no tubarão, só que, aí, aí veio esse aqui, fez a mágica e pôs isso aqui, pro tubarão não passar e comer

Elen: E a pessoa, se ela tá atravessando aquela pista, ela vai e é atropelada, e ela morreu, o que que acontece com ela?

Renato Cruz: Ela fica morta.

Elen: Na pista?

Renato Cruz: Não.

Elen: Pra onde que ela vai?

Renato Cruz: Pro hospital.

Elen: Pro hospital? E depois?

Renato Cruz: Depois, sabe o que que acontece?

Elen: O que?

Renato Cruz: Vai enterrar!

Elen: Ahh vai... Depois do hospital ela é enterrada?

Renato Cruz: Sim, porque Deus enterra.

Elen: Deus que enterra? E quando tá enterrado, o corpo dela fica inteiro?

Renato Cruz: Fica.

Elen: Pra sempre?

Renato Cruz: PARA SEMPRE!

Elen: Entendi.

Elen: Oi Ana, o que que você fez no seu desenho?

Tereza: Eu fiz uma ponte, eu fiz o lago, eu fiz o peixinho que morreu e fiz uma escadinha.

Elen: E como é que o peixinho morreu?

Tereza: O homem pegou.

Elen: O homem pegou? Esse homem que tá aí em pé? Ele pesou o peixe?

Tereza: É.

Elen: e depois que ele pescou o peixe, o que que aconteceu com o peixe?

Tereza: Morreu.

Elen: E o corpo dele?

Tereza: Também morreu.

Elen: Sim, mas depois que ele morre, ele fica lá morto né?

Tereza: É.

Elen: E o que que o homem fez com ele morto?

Tereza: É, foi fazer comida.

Elen: Ah, ele comeu o peixe? Ele pesou o peixe pra comer?

Tereza: É.

Elen? E quando uma pessoa morre, você acha que acontece o que com ela?

Tereza: Tem que levar pro hospital.

Elen: A gente leva pro hospital? E o que que o hospital faz com a pessoa morta?

Tereza: O que?

Elen: O que que o hospital faz com a pessoa morta?

Tereza: Cura!

Elen: Mas ela não tá morta?

Tereza: Quando ela tá morta leva pro hospital pra curar.

Elen: Ah, então vai curar lá no hospital?

Tereza: Aham, pra ficar viva.

Elen: Ah, pra ficar viva.

Elen: Me diz o que tá acontecendo no seu desenho?

Pedro: Ô, esses aqui são os amigos dele, eles não sabia que o amigo dele tava morto, tava embaixo dele, os mergulhadores mataram, aí subiram pro barco.

Elen: Ah, igual o Procurando Nemo?

Pedro: Claro!

Elen: Hum, entendi... Legal, ninguem pensou nisso né?

Pedro: É

Elen: E o que aconteceu com o corpo do peixe?

Pedro: Morreu.

Elen: Morreu, e ele ficou onde morto?

Pedro: Bem aqui.

Elen: Ele continuou na água? Não aconteceu nada? Os amigos não fizeram nada, deixaram ele lá morto sozinho?

Pedro: Eles não sabiam

Elen: Ah, mas eles encontraram ele morto depois?

Pedro: Sim mas, eles pensaram que ele tava desmaiado.

Elen: É e fizeram o que com ele desmaiado?

Pedro: Nada.

Elen: Deizaram ele lá sozinho, morto, boiando na água?

Pedro: Sabe por que ele ficou morto? A (sons inaudíveis) pegou a faca e matou.

Elen: Cê acha que quando esse mergulhador aqui morrer, o que que vai acontecer com o corpo dele?

Pedro: Não esse aqui é o , é o, esse aqui é o que controla o barco

Elen: Essa pessoa, quando ela morre, o que que acontece com ela?

Pedro: Ela vai pro céu.

Elen: E o corpo dela?

Pedro: Fica lá.

Elen: NO céu?

Pedro: Não, fica lá, fica lá na terra. O espírito fica lá no céu.

Elen: Na terra aonde?

Pedro: O corpo fica, quando alguém morre, o corpo morre, quando o corpo morre, o espírito sai do corpo aí vai pro céu.

Elen: e o corpo?

Pedro: Que?

Elen: e o corpo, o que é que acontece?

Pedro: Fica dentro da terra.

Elen: Ele é enterrado?

Pedro: É, aí os micróbios comem aí vira um esqueleto só.

Elen: Ah, os micróbios comem e vira esqueleto?

Pedro: É.

Elen: E vira esqueleto pra sempre?

Pedro: É.

Elen: Entendi!

Autorização para realização de entrevistas



Universidade de Brasília

Brasília-DF, 12 de setembro de 2018.

Aos pais ou responsáveis

Assunto: **Solicita autorização para realizar entrevista.**

Senhores Pais ou Responsáveis,

Solicito a autorização para que o(a) aluno(a)

da turma

realize no Centro de Educação Infantil 01 do Plano Piloto
uma entrevista sobre o tema **Representações Sociais de alunos do ensino
infantil**, para elaboração de trabalho acadêmico final de curso.

A pesquisa será feita na escola, onde as crianças serão ouvintes
de uma história infantil, em seguida elaborarão um desenho que se encaixe como
final da história e logo após serão perguntados sobre os seus desenhos. Para
isso, serão usadas folhas de papel e lápis de cor.

Eu _____ autorizo
a estudante de Pedagogia Elen Sena Serêjo, da Faculdade de Educação na
Universidade de Brasília, a utilizar os dados coletados, para a elaboração de seu
Trabalho de Conclusão de Curso, e está sendo orientado por Prof. Dr. Hélio José
Santos Maia.

Respeitosamente,

Assinatura do(a) pesquisador(a)

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Elen Sena Serêjo', is written over the text 'Assinatura do(a) pesquisador(a)'.